



VIZIBILIZANDO NARRATIVAS AFRICANAS E AFRO-BRASILEIRAS NA SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA

Kátia Luzia Soares Oliveira
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia(IFBA), Brasil
Endereço eletrônico: katialuziasoares@gmail.com

INTRODUÇÃO

A Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade das temáticas “História e Culturas Africanas e Afro-Brasileira”, traz a exigência do questionamento de narrativas históricas tradicionais, hegemônicas, que, pautadas em uma perspectiva marcadamente etnocêntrica, silenciaram e inferiorizaram experiências de povos colonizados. Esse processo se dá, entre outros lugares, no e a partir do fazer docente, muito especialmente, no e a partir do ensino de história.

Nessa perspectiva, partindo da categoria saber docente (TARDIF, 2011 e MONTEIRO, 2007), pensamos os docentes como atores que intervêm, com seus saberes, na produção de um novo sentido histórico em que as diversidades étnico-racial e cultural não apenas apareçam, mas sejam valorizadas. Assim, foi realizada uma pesquisa de mestrado¹ entre agosto de 2014 e agosto de 2016 com professoras (duas) e professores (um) de História em efetivo exercício docente no Ensino Médio, em escolas da Rede Pública. A investigação teve como objetivo identificar e analisar como os docentes mobilizam saberes para o Ensino de História e Culturas Africanas, Afro-brasileira e Indígena. Em vista do escopo deste trabalho, aqui apresentamos, brevemente, resultados ligados à análise da prática da professora Maria do Socorro Sampaio, especificamente, sobre o ensino das Histórias e Culturas Africanas e Afro-brasileiras.

¹OLIVEIRA, Kátia Luzia Soares. *Saberes e práticas docentes no contexto do ensino da história e culturas afro-brasileiras e indígenas no ensino médio em Barreiras –Ba (2010-2015)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus V. Programa de Mestrado em História Regional e Local, 2016.132f.



METODOLOGIA

As fontes para a investigação foram obtidas por meio de relatos de experiência produzidos pelos colaboradores a pedido da pesquisadora e de questionário aplicado. No decorrer da pesquisa, sentiu-se a necessidade de recorrer-se a relatos orais obtidos por meio de entrevistas temáticas, gravadas em áudio, o que trouxe a aproximação com procedimentos da História Oral (LOPES, 2008).

A análise dos dados aqui apresentados, além da consideração da categoria “saberes docentes”, foram perspectivados por apontamentos de especialistas em História e Cultura Africana e Afro-brasileira e das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de História e Culturas Africanas e Afro-brasileiras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A professora Maria do Socorro Sampaio inicia seu relato fazendo referência às comemorações da Semana da Consciência Negra e afirma ser este um momento empreendido com vistas ao atendimento das demandas e desafios postos pela Lei 10.639/03. Assim, ela narra entusiasmada: “Na escola a gente desenvolve sempre um trabalho em novembro, que a gente chama de Novembro Negro, é um projeto. [...] Durante o ano de 2015, o subtema abordado e explorado foi “Africanidades: Brasil versus Áfricas” (SAMPAIO, 2015, p.1).

Em tempo, ressalva-se que o texto da Lei 10.639/0, em seu artigo 79-B, define o dia 20 de novembro como uma data para a celebração nacional da “consciência negra” no calendário escolar. Na mesma direção, as Diretrizes Nacionais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira (2005, p. 12) pontuam que o ensino da temática se fará por diferentes meios, inclusive com a realização de projetos de diferentes naturezas no decorrer do ano letivo.

Aqui chama a atenção os vocábulos “Africanidades” e “Áfricas”, grafados no plural, de onde se depreende a intencionalidade de ressaltar no tema a direção que se quer dar às discussões a serem desenvolvidas, ou seja, a compreensão do continente africano como plural, diverso. Assim, o tema remete às Áfricas, ou seja, à história das várias Áfricas tão diversificadas no tempo, na geografia, na cultura. Também é considerável na temática a preocupação de se pensar as relações históricas entre Brasil e África. Essa é uma proposta que se coaduna com a defesa do africanólogo Alberto da



Costa e Silva (2016) que, entre as muitas discussões acadêmicas que tem desenvolvido, ressalta a importância de estudar a África por ela mesma, por seu valor próprio, mas também pelos fortes vínculos estabelecidos com o Brasil em decorrência do tráfico de escravos.

Dentro dessa perspectiva, a professora Maria do Socorro (2015, p. 1) ressalta que, “dentre os trabalhos produzidos podem ser destacados: confecções de cartazes alusivos ao preconceito, à cultura de alguns países da África com suas particularidades e relações com a cultura brasileira”.

Seguindo a tônica do tema proposto, a professora ressalta trabalhos desenvolvidos pelos alunos em que os aspectos dos países africanos forma vistos em suas particularidades mas também nas relações de trocas com a cultura brasileira, o que na perspectiva da professora “permitiu fazê-los entender, compreender a relação de pertencimento de sua própria formação cultural” (SAMPAIO, 2015, p.1). Nesse aspecto, a narrativa da professora levanta uma discussão acerca do ensino de história perspectivado pela Lei 10.639/03 como possibilidade de ampliar o sentimento de pertencimento, de autorreconhecimento a partir da proximidade entre a História da África e História do Brasil. Esse ponto também encontra respaldo nas discussões de Alberto da Costa e Silva (2016, p.22) quando este defende que a História da África ajuda a explicar-nos, sobretudo pela ligação entre África, o Brasil e o Atlântico.

A professora Maria do Socorro (2015, p.2) menciona outro aspecto do projeto Novembro Negro em 2015:

Outro trabalho importante no projeto desse ano foi a solicitação feita aos alunos de uma pesquisa sobre alguns autores negros, com suas respectivas obras e contribuições para a cultura brasileira. Partindo dessa possibilidade, [...] resolvi lançar um desafio à turma do segundo ano, Ensino Médio, noturno: pesquisarem sobre os grandes vultos negros da história da África e do Brasil.

Ainda com base no propósito temático, vê-se aqui a preocupação de se pensar e ressaltar a história da África relacionada à história do Brasil; assim, a proposta inicial de pesquisar sobre autores negros é ampliada ao incluir, não apenas autores negros do Brasil, mas também nos termos da professora “grandes vultos” da história da África e destaca que “uma dupla pesquisou sobre Castro Alves e Nelson Mandela” (SAMPAIO, 2015, p. 2).



Um aspecto a se considerar nesse trabalho é que, por meio do estudo da trajetória de autores e autoras negras, é possível positivar e legitimar narrativas de lutas e resistências empreendidas por africanos e afro-brasileiros visibilizando, assim, o protagonismo de homens e mulheres em diferentes temporalidades. Estudar a vida de Castro Alves e de Nelson Mandela, importantes interlocutores das lutas das populações negras em contexto da escravização brasileira e de segregação racial africana, também se coaduna com as demandas expressas pela legislação educacional contemporânea no âmbito das políticas públicas afirmativas, e mais especificamente com a Lei 10.639/03, uma vez que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Culturas Afro-Brasileira e Africana (2005, p. 22) estabelecem que:

O Ensino de História e Cultura Africana se fará [...] com vistas à divulgação e estudo da participação dos africanos e de seus descendentes na diáspora, em episódios da história mundial, na construção econômica, social e cultural das nações do continente africano e da diáspora, destacando-se a atuação de negros em diferentes áreas do conhecimento de atuação profissional, de criação tecnológica e artística, de luta social (entre outros: rainha Nzinga, Toussaint-L'Ouverture, Martin Luther King, Malcom X, Marcus Garvey, Aimé Cesaire, Léopold Senghor, Mariama Bâ, Amílcar Cabral, Cheik Anta Diop, Steve Biko, Nelson Mandela, Aminata Traoré, Christiane Taubira).

Trazer narrativas como as de Castro Alves e Nelson Mandela cumpre assim com as determinações das Diretrizes Nacionais para o Ensino de História perspectivado pela Lei 10.639/03. Trata-se de uma situação de aprendizagem que se volta para a construção de uma memória da luta antirracista, protagonizada pelas populações negras em diferentes dimensões temporais e espaciais.

Ainda de acordo com as determinações das referidas Diretrizes (BRASIL, 2005, p.21). “em História da África, tratada em perspectiva positiva, não só de denúncia da miséria e discriminações que atingem o continente, nos tópicos pertinentes se fará, articuladamente, com a história dos afrodescendentes no Brasil[...]”. Nesse sentido, é válido ressaltar que a atividade narrada se insere dentro dessa perspectiva, pois, visibilizar a trajetória política de Castro Alves e Nelson Mandela, trazendo à tona a memória da exclusão e a do racismo, constitui-se em uma estratégia de sensibilização para a discussão acerca do lugar social, ocupado historicamente por afro-descendentes



no Brasil. Nesse caso, é preciso que as narrativas deem conta também de apresentar a memória de resistência e de ressignificação dos espaços de exclusão feitas por esses atores na luta contra o racismo, o que fica evidente na trajetória desses interlocutores históricos.

CONCLUSÕES

Por fim, pode-se inferir, com base nas narrativas, que a Semana da Consciência Negra vem se constituindo em um momento privilegiado no Ensino de Histórias e Culturas Africanas e Afro-brasileiras. Nela são mobilizados saberes e práticas docentes em que o protagonismo e a atuação de povos e indivíduos negros em diferentes áreas do conhecimento são visibilizados. Trata-se, portanto, de uma estratégia didática com importante potencial no combate às ideias de desqualificação que reforçam os processos de exclusão de saberes e práticas das populações negras.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História; Semana da Consciência Negra; Narrativas de Autores Negros.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Brasília: MEC, 2005. p. 22.

SAMPAIO, Maria do Socorro. *Relato verbal sobre experiências relacionadas ao ensino-aprendizagem em história e culturas afro-brasileira e indígena*, em entrevista dada à autora em 25 de maio de 2015, na cidade de Barreiras, Bahia.

SILVA, Alberto da Costa e. O Brasil, a África e o Atlântico no século XIX. *Estudos Avançados*. vol.8 n° 21 São Paulo Mai/Ag. 1994.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S010340141994000200003>. Acesso em 24 de fevereiro de 2016.

LOURO, Guacira Lopes. *A história (Oral) da Educação: algumas reflexões*. Disponível em: <http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/737/65>. Acesso em 02 de julho de 2015. p. 22.

MONTEIRO, Ana Maria. *Professores de História: entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X, FAPERJ, 2007.

TARDIF, Maurice. *Saberes Docentes e Formação Profissional*. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.